



SUSAN FOX

De repente,
o amor

SUSAN FOX

De repente, o amor

Tradução:
Alice Klesck

ÚNICA
editora

Gerente Editorial
Mariana Rolier

Editora
Marília Chaves

Editora de Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Fábio Esteves

Tradução
Alice Klesck

Preparação
Gabriela Ghett

Projeto gráfico e diagramação
Idée Arte e Comunicação

Revisão
Salete Milanesi Brentan

Capa
Osmane Garcia Filho

Foto de Capa
Serg Zastavkin e Carola
Vahldiek/Fotolia.com

Produção do e-book
[Schäffer Editorial](#)

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Love, unexpectedly*

Copyright © 2010 Susan Lyons

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – cep 05029-030

Tel.: (11) 3670-2500

Site: www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Fox, Susan

De repente, o amor / Susan Fox ; tradução de Alice Klesck. -- São Paulo : Editora Gente, 2013.

Título original: *Love, unexpectedly*.

ISBN 978-85-67028-03-3

1. Romance canadense I. Título.

13-05924

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura canadense em inglês 813

Sumário

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

— O que há de novo comigo? Simplesmente tudo! — Kat, vizinha de Nav Bharani, arregalou drasticamente seus olhos castanhos. Ela soltou o cesto de roupa no chão da lavanderia do subsolo do prédio, depois sentou-se na secadora, claramente priorizando a fofoca, antes das tarefas.

Nav sorriu e recostou em sua máquina, que já fazia a lavagem matinal de sábado.

— Eu a vi na quarta à noite, Kat. — Ela o levava à casa de uma amiga, para usar seus músculos montando uma nova estante e reorganizando os móveis. — Não pode ter mudado *tudo* em dois dias.

Algo muito importante tinha acontecido na vida dele ainda ontem. Um grande progresso em sua carreira fotográfica. Ele estava ansioso para contar a Kat, mas primeiro ouviria suas novidades.

Ela revirou os olhos.

— Tudo bem, *quase* tudo. Minha irmã caçula de repente vai se casar.

Mesmo sob a iluminação ruim, com os cachos castanho-avermelhados ainda descabelados e as marcas dos lençóis no rosto, Kat era tão linda que deixava seu coração apertado.

— Merilee? Achei que ela e... qual é mesmo o nome dele? Sempre tivessem tido a intenção de se casar.

— Matt. É, mas falavam sobre o ano que vem, quando eles se formam na faculdade. Agora, é tipo *já*. — Ela estalou os dedos.

— Quando é agora? — perguntou ele.

— Daqui a duas semanas. Dá pra acreditar? — Ela sacudiu a cabeça vigorosamente. — Então, agora, eu preciso tirar duas semanas de folga e ir pra Vancouver, ajudar a organizar um casamento, em cima da hora. E o momento é muito ruim. Junho é um mês bem movimentado no trabalho. — Ela era diretora de relações públicas no Le Cachet, um hotel-boutique de luxo, na antiga Montreal, uma função que exigia integralmente sua criatividade, suas habilidades organizacionais e sua personalidade extrovertida.

— Que pena eles não terem organizado o casamento de acordo com sua carga de trabalho — ele provocou.

— Ops, estou sendo uma nojenta egocêntrica?

— Só um pouquinho.

Ela suspirou, sua animação habitual deixando seu rosto. Rugas de estresse ao redor dos olhos e olheiras diziam que ela estava aborrecida por algo além da inconveniência de se ausentar do trabalho. Depois de dois anos, Nav conhecia Kat muito bem. Tão bem quanto ela deixasse que qualquer um a conhecesse, em todos os aspectos, exceto no que ele mais desejava: como seu amante.

Ele parou com a provocação e tocou sua mão.

— Como se sente com relação ao casamento?

— Muito empolgada por Merilee. Claro. — Sua resposta foi imediata, mas ela olhou para baixo, para as mãos dele, em vez de olhá-lo nos olhos.

— Kat?

Ela ergueu a cabeça, torcendo os lábios.

— Tudo bem, estou feliz por ela, honestamente, mas também estou morrendo de inveja. Ela é dez anos mais nova. Deveria ser eu. — Ela pulou para o chão, estalando os pés no concreto, como um ponto de exclamação.

Isso que ele tinha imaginado, sabendo de seu desejo de casar e ter filhos. Com alguém que não fosse ele, infelizmente. Mas não era o momento de pensar em sua mágoa. Sua melhor amiga estava sofrendo.

Ele tentou ajudá-la a ver isso de forma racional.

— Sua irmã já está com esse cara há um bom tempo, certo? — Kat não falava muito da família — ele sabia que ela tinha alguns problemas — mas já ouvira alguns comentários.

— Desde o segundo ano do ensino médio. E eles sempre disseram que queriam se casar.

— Então, por que ficar esperando?

Ela franziu o nariz.

— Para que eu possa me casar antes? É, tudo bem, essa é uma razão ruim. Mas eu tenho trinta e um anos e quero me casar e ter filhos, tanto quanto ela. — Ela deu uma fungada exagerada, depois se atirou nele. — Droga, eu preciso de um abraço.

Ele ergueu os braços, enlaçando seu corpo, acolhendo-a.

Essa era a Kat à moda antiga. Ela não tinha paciência alguma para o que chamava de “essa porcaria de psicologia pop, autoanalítica e angustiada”. Se ela se sentisse mal, extravasava e seguia em frente.

Ou assim dizia. Nav estava absolutamente convicto de que isso não funcionava com essa facilidade. Não que ele fosse um psicólogo, ou algo assim, era apenas um amigo preocupado.

Preocupado demais, para sua própria sanidade. Agora, abraçado a ela, ele usava cada milímetro de seu autocontrole para resistir ao ímpeto de apertá-la com mais força. Para tentar não notar as curvas firmes e aquecidas por baixo do tecido fino da calça de ginástica que ela vestia. Lutava contra a excitação que ela tão facilmente lhe despertava desde que eles haviam se conhecido.

Será que ela sentia como seu coração disparava, ou estaria absorvida demais por sua própria infelicidade? Nav desejou estar vestindo algo além dos shorts novos de corrida e sua velha camisa de jérsei do time de rúgbi de Cambridge, mas ele tinha vindo à lavanderia diretamente após sua corrida matinal.

Sentindo seu calor e o aroma dos cabelos ainda despenteados, após acordar, ele pensou na primeira vez que a viu.

Ele estava se mudando para o prédio, todo sujo, com seu jeans mais velho e uma camiseta de mangas cortadas, relutando para tirar seus poucos pertences de um caminhão de mudança e levar para dentro do apartamentinho. A porta ao lado da sua se abriu e ele parou, curioso para ver seu vizinho.

Uma linda jovem com um vestidinho corido justo saiu no corredor. Seu olho de fotógrafo congelou a cena naquele momento. As curvas provocantes, a maneira como o verde de seu vestido complementava seus cachos castanho-avermelhados, a centelha de interesse em seus olhos castanhos, conforme eles se arregalaram e ela olhara-o, de cima a baixo.

Quanto ao quadro que ela via, bem, ele deve ter provido uma visão e tanto, com seus braços nus, segurando uma luminária de chão da estátua de Ganesha, o deus elefante. *Nani*, a mãe de sua mãe, lhe dera a estatueta quando ele ainda era garoto, dizendo que o objeto abençoaria sua moradia.

A mulher no corredor abriu um sorriso radiante.

— *Bonjour, mon nouveau voisin* — ela o cumprimentou, como novo vizinho. — *Bienvenue. Je m'appelle Kat Fallon.*

Seu nome e a forma como ela o pronunciou lhe disseram que apesar de seu excelente sotaque de Québécois, sua língua nativa era o inglês, assim como a de Nav. Ele respondeu nesse idioma. — Prazer em conhecê-la, Kat. Eu sou Nav Bharani.

— Ah, que belo sotaque.

— Obrigado. — Ele tinha crescido na Inglaterra, e só estava no Canadá havia dois anos, falando francês na maior parte do tempo, portanto seu sotaque inglês estava perfeito.

Sua vizinha estendeu a mão, parecendo não ligar que a mão dele estivesse suja.

Ele sentiu uma a nidade, detectando algo sexual, mas ia muito além disso. Um impulso o fez olhar para seu rosto, memorizando cada traço e sabendo, na alma, que essa mulher seria importante em sua vida.

Ele tinha sentido algo semelhante quando desembrulhou sua primeira câmera, em seu aniversário de dez anos. Uma sensação de revelação e certeza.

Ganesha já lhe trouxera sorte.

Kat também sentiu algo especial. Dava pra notar pelo rubor nas maçãs de seu rosto, na forma como a mão dela demorou para soltar a sua.

— Você acabou de se mudar da Inglaterra pra cá, Nav?

— Não, eu estava estudando fotografia na cidade de Quebec, por alguns anos, na Université Laval. Acabei de me formar e achei que encontraria mais... *oportunidades* em Montreal. Ele deliberadamente deu ênfase à palavra “oportunidades”, imaginando se ela reagiria à dica da paquera.

Um sorriso surgiu nos lábios dela.

— Montreal é cheia de oportunidades.

— Quando você acorda, pela manhã, nunca sabe o que o dia irá trazer.

Ela deu uma risada sonora.

— Alguns dias são melhores que outros. — Depois, ela olhou para a estátua de elefante. — Quem é seu companheiro de moradia?

— Ganesha? Dentre outras coisas, ele é o Rei dos Começos. — Nav se sentia inebriado, intuindo que esse leve flerte fosse o começo de algo especial.

— Começos. Ora, veja só.

— Algumas pessoas acreditam que, se você afagar sua tromba, ele trará sorte.

— É mesmo? — Ela ergueu a mão, então o elevador chegou e ambos olharam em sua direção.

Um homem com um sorriso branco ofuscante saiu e veio andando, determinado, na direção deles. Alto e chamativo, ele tinha traços fortes, cabelos tingidos e tratados com uma porção de produtos, e roupas que gritavam “Eu me preocupo demais com minha aparência e tenho dinheiro para isso”.

— Oi, benzinho — disse ele, em inglês. Ele se curvou e deu um beijo rápido nos lábios de Kat, depois, passando o braço em volta de sua cintura, deu uma olhada para Nav. — Novo vizinho?

Mas que merda, ela tinha namorado. Então, não estava flertando?

Suas bochechas ficaram ligeiramente vermelhas.

— Sim, Nav Bharani. E esse é Jase Jackson. — Ela deu uma olhada para o cara do comercial de pasta de dente com uma expressão quase intimidada. — Nav, você provavelmente ouviu falar de Jase, ele é um dos astros de *Back Streets*. — Ela disse o nome de uma série canadense de TV, lmada em Ontário e Quebec. Nav tinha visto um ou dois

episódios, mas não lhe despertara interesse, e ele não se lembrava do ator.

— E aí, cara? — disse Jase, abraçando Kat com mais força. Demarcando seu território.

— E aí?

— Jase — disse Kat —, importa-se em pegar uma garrafa de água, na minha geladeira? Está ficando quente aqui fora.

Depois que o outro homem entrou no apartamento, Nav disse:

— Então, vocês são...?

— Um casal. — Ela tinha um olhar sonhador que acompanhou o outro homem. — Sou louca por ele. Ele é incrível.

Ora, mas que inferno. Apesar da atenção inicial entre eles, ela não estava pertando, apenas sendo simpática com um novo vizinho. E a convicção dele já era. A mulher estava apaixonada por outro.

Nav, que podia ser um tigre no campo de rúgbi, fora do jogo era bem tranquilo e sentiu um instinto primitivo de socar a fuça do tal ator.

Agora, na lavanderia, ouvindo Kat suspirar junto ao seu peito, ele quase desejou ter feito isso. Esse ato tempestuoso talvez tivesse mudado a dinâmica entre ele e Kat.

Em vez disso, ele havia aceitado que ela fosse, no máximo, uma amiga e se concentrara em se instalar em sua nova casa.

Ele acabara de regressar de uma visita a Nova Delhi e tivera uma briga com os pais, que tinham voltado a morar na Índia quando seu avô paterno faleceu, no ano anterior. Na visão deles, ele havia sido um traidor ao se mudar para Quebec a fim de estudar fotografia, rejeitando a carreira de negócios que lhe haviam arrumado. Agora que ele tinha se formado, seus pais disseram que estava na hora do filho único deixar de tolices. Ele devia assumir um papel na direção da empresa da família, em Nova Delhi ou em Londres, e concordar com um casamento arranjado.

Ele se recusara a tudo e bateu o pé quanto a se mudar para Montreal e construir uma carreira na fotografia.

Ao chegar lá, começara a verificar todas as oportunidades e conhecer pessoas. Mas ele foi muito lento com Kat, ao menos no sentido da amizade. Ela imaginou que ele fosse tímido e o acolhera, dando uma arrancada em sua vida social. Ele gostava de estar na companhia dela — afinal, quem poderia resistir à força atraente da decidida Kat Fallon? — ele se deixou levar.

Porém, mesmo saindo com outras mulheres, seus sentimentos por Kat cresceram. Ela sabia que era besteira. Embora ela tivesse rompido com Jase e cobiçasse os músculos de Nav, quando ele estava consertando seu encanamento ou ajudando a pintar seu apartamento, ela buscava homens como o tal ator. Magnânimos – pelo menos, por fora. Eles frequentemente provavam ser homens com mais físico que essência, vivendo um caso de amor com os

próprios egos, não com a namorada.

De forma alguma, Nav era esse tipo de homem. Crescera na Inglaterra, com pais abastados, bem-sucedidos e cheios de status social, ele já tivera alguma convivência com gente assim.

Embora Kat tivesse uma queda por outros homens, ela havia se tornado uma boa companheira de Nav. Quando ela estava entre um namorado e outro, as poucas vezes em que ele fez alguma investida, ela deu um fora diretamente. Disse que ele era um amigo muito bom e ela valorizava demais a amizade que tinha para arriscar perdê-la. Embora ele ocasionalmente visse uma centelha de atração em seus olhos, ela se recusava a sequer reconhecer, quanto menos ceder a isso.

Agora, ali, em pé, com seu corpo atraente e tentador nos braços, ele imaginava se havia alguma esperança para que um dia ela piscasse aqueles imensos olhos castanhos e percebesse que o homem por quem procurou pela vida toda estava logo ali, na porta ao lado.

Ela deu um suspiro repentino e recuou. Ficou olhando pra ele, mas, não, não era nenhum olhar revelador. Só uma fungada e um sorriso censurando a si mesma.

— Tudo bem — disse ela. — Cinco minutos são o suficiente de autopiedade. Obrigada por me tolerar, Nav.

Ela desviou e abriu duas lavadoras. Dentro de uma delas, jogou jeans e camisetas. Na outra, colocou regatas, corpetes de seda, sutiãs de renda, calcinhas e fios dentais.

Um cavalheiro jamais imaginaria sua amiga e vizinha de calcinha e sutiã cor-de-rosa combinando, ou com uma o dental preta de renda. Nem caria fantasiando sobre fazer sexo ardente com ela, na lavanderia.

Aliviado porque os shorts folgados e a camisa de rúgbi disfarçavam sua ereção, ele voltou a se concentrar nas novidades de Kat.

— Então, você está partindo pra Vancouver. — Ela tinha crescido lá e era onde a irmã caçula morava, com os pais. — Quando vai? Você vai de trem? — Ela detestava andar de avião.

Ela ligou as duas lavadoras, depois se virou para ele.

— Pretendo ir na segunda-feira. Sim, vou de trem. É uma viagem ótima e eu sempre conheço gente fascinante. Vou tirar a cabeça dessa porcaria que é minha vida amorosa.

— Não vai ter problema tirando esse tempo de folga?

— Meu chefe fez um megassermão porque vou em junho, sem avisar com antecedência. Nossa, até parece que sou indispensável. — Ela deu um sorriso que fez seus olhos brilhar.

— Tenho certeza de que você é — disse ele, provocando, mas sabendo que ela

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

